

## ESTUDO E CATALOGAÇÃO DAS VESTIMENTAS DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

*Study and cataloging of clothes from the Historical Museum of Londrina*

Antunes, Daniele Caroline; Mestra; Museu Histórico de Londrina, daniele.caroline.antunes@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo valorizar e compreender parte da cultura material londrinense da década de 30, por meio de um estudo das vestes de dormir doados ao Museu Histórico de Londrina. Aborda um estudo bibliográfico da história da cidade e documental das vestes, por meio de análises, para compreender seu valor cultural e desenvolver padrões de registro das informações pesquisadas a partir do método de observação das características e das mensagens visuais atribuídas.

**Palavras chave:** Vestuário de dormir; Museu Histórico de Londrina; Padronização documental.

**Abstract:** This research aims to value and understand part of the material culture of London in the 1930s, through a study of sleeping clothes donated to the Londrina Historical Museum. It addresses a bibliographical study of the city's history and documents of clothing, through analysis, to understand its cultural value and develops standards for recording the information researched based on the method of observing the characteristics and visual messages attributed.

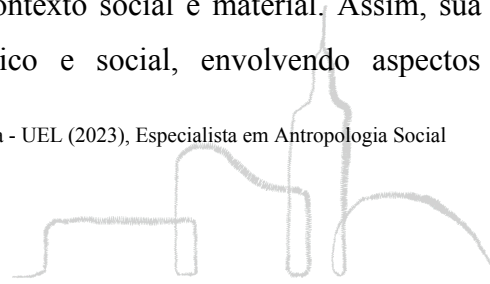
**Keywords:** Sleepwear; Historical Museum of Londrina; Documentary Standardization.

### Introdução

O estudo da história e do vestuário é a chave para compreender as transformações da cultura, pois agem como unificadores que abrem caminhos para uma multiplicidade de estudos, que são interpretados pelo tempo e ligados aos fatores econômicos, políticos, culturais e de costumes que caracterizam cada época (SORCINELLI, 2010). Estas manifestações estão relacionadas a um sistema de comunicação do vestuário, expressa em sua forma material, com qualidades concretas e tangíveis, tornando-se reconhecidas como cultura material e funcionando como guia de evidência para registros e documentos culturais de um tempo e espaço (McCRAKEN, 2003).

Ou seja, esses objetos definem padrões, comportamentos e estilos de vida, permitindo uma compreensão mais profunda das sociedades e de suas estruturas. Eles transformam e constroem tanto o indivíduo quanto a sociedade, trazendo significados e estabelecendo um diálogo entre o contexto social e material. Assim, sua análise deve considerar sua diversidade e especificidade, o simbólico e social, envolvendo aspectos

<sup>1</sup> Estagiária do Museu Histórico de Londrina. Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2023), Especialista em Antropologia Social (2020) e em Moda: produto e comunicação - UEL (2018) e Bacharela em Design de Moda - UEL (2017).



inconscientes e apropriados. Miller (2013) e Roche (2007) enfatizam a importância da interdisciplinaridade como meios para os estudos das fontes documentais materiais, como a história, antropologia, moda, museologia, patrimônio e arqueologia, destacando que essa abordagem pode levar a contribuições mais amplas e enriquecedoras (MILLER, 2013 e ROCHE, 2007).

A indumentária, exposta à função documental, social e de testemunho do passado, é encontrada em acervos de instituições de memórias, como um museu. A indumentária é um patrimônio memorial que agrega o valor e caráter simbólico da história dos sujeitos e da sociedade (SCHNEID et al., 2014). A pesquisa destes bens culturais acervados no museu é importante para a investigação cultural de objetos, pois adquirem valor documental que colaboram para a valorização da cultura material da sociedade (JULIÃO, 2006).

Desta forma foi oportuno um estudo do vestuário doado ao Museu Histórico de Londrina que apresentava carência de dados e informações em sua forma de registro que colaborariam para a documentação da cultura material da cidade e facilitaria futuras pesquisas históricas, culturais, sociais e das próprias vestes, bem como na contribuição para a produção de uma história da indumentária brasileira (ANDRADE, 2017). Pois, pesquisas em torno da história da indumentária brasileira é recente, já que os primeiros estudos foram realizados no século XX, e ainda eram limitados a manuais de etiqueta, jornais femininos e romances, como os de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar. O primeiro livro dedicado à história da indumentária no Brasil foi "Três Séculos de Moda no Brasil", de João Afonso, escrito e ilustrado em 1915, mas só publicado em 1923. Embora o volume não fosse um texto acadêmico, ele consistia em uma série de descrições sobre a evolução das silhuetas das cortes europeias, especialmente a francesa, e sobre como essas formas influenciaram os trajes no Brasil, com destaque para Belém. A primeira abordagem reflexiva e problematizadora sobre o vestuário veio com Gilberto Freyre, em suas obras "Sobrados e Mucambos", de 1936, e "Modos de Homem & Modas de Mulher", de 1987. Posteriormente, a obra "O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX" contribuiu para o desenvolvimento de um novo campo de exploração, atraindo pesquisadores e professores para a área (DEBOM, 2019).

A partir disso, verificou-se a necessidade de valorizar o vestuário doado ao Museu Histórico de Londrina de forma que contribuísse para o fortalecimento da cultura material da cidade. Para tanto, desenvolveu-se como objetivo, propor a criação de um padrão para a formulação documental do vestuário de dormir da década de 30 pertencente ao Museu Histórico de Londrina.

Para isso, foi necessário realizar uma pesquisa da história de Londrina e da História da moda íntima da década de 30. E assim relacionar a história da moda ocidental com as fotos realizadas pelo Museu da década de 30 das vestes doadas que foram selecionadas para este trabalho e elaborar padrões para as análises destas.

O estudo se justifica pela ideia de que a roupa, quando inserida em uma instituição cultural, o museu, tem uma função simbólica, histórica, de memória social e de patrimônio cultural. Por isso, questões como catalogações, isto é, a classificação e organização de dados e documentações, aquilo que forma um conjunto de documentos para consultas de pesquisas históricas, extremamente relevantes principalmente quando tratados como elemento da cultura material (BENARUSH, 2015).

A falta de formalização da documentação inviabiliza pesquisas rápidas e sugere uma falta de valorização do artefato veste como produto da cultura social, econômica, histórica e material. Isto reflete a falta de conhecimento do passado do lugar e representação social, já que a roupa apresenta relações diretas com as questões históricas e culturais (LIPOVETSKY, 1989).

O estudo da história da moda está ligado à relação do social e do costume, em sua forma de expressar por meio da aparência, que se refere e se assemelha a um contexto histórico social e cultural, ligado às normas e regras coletivas de uma determinada época e sociedade (CALANCA, 2011). Este estudo auxiliará na escolha de fotos (da época citada) de roupas íntimas femininas.

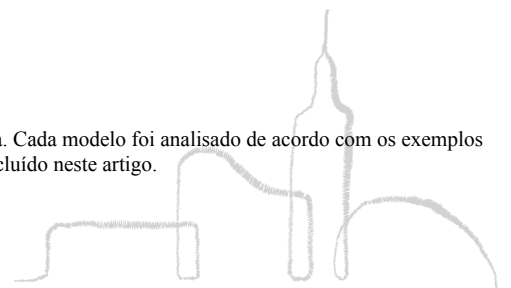
Assim, deve-se estabelecer parâmetros que indiquem padrões para o contexto cultural das vestes, ou seja, definir uma unidade referencial para a formulação documental do vestuário em comparação à moda na década de 30 e salientar os elementos de configuração plástica-formal e icônica-simbólica, e assim, agregar valor às vestes doadas ao Museu.

## Metodologia

De acordo com os métodos de pesquisa utilizado por Kauark, Manhães e Medeiros (2010), esta pesquisa partiu de um método dedutivo, ao procurar evidências lógicas para se obter conclusões significativas e realizar uma pesquisa de natureza aplicada de uma abordagem qualitativa, a fim de localizar o tempo histórico social a compreensão da História de Londrina dos anos 30. Apresenta um estudo de característica exploratória que visa maior proximidade com o problema por meio de levantamentos bibliográficos e documentos da história da moda dos anos 30 para obter maiores informações dos detalhes construtivos e formais das vestes (documentos materiais). Como método estratégico, elaborou-se uma pesquisa documental por meio das observações das características físicas e das mensagens visuais do vestuário selecionado<sup>2</sup> do Museu, para então desenvolver padrões de análises das roupas doadas.

## Ferramentas

<sup>2</sup> Foram selecionados todos os seis modelos de vestes de dormir preservados no Museu Histórico de Londrina. Cada modelo foi analisado de acordo com os exemplos apresentados nas Tabelas 1 e 2 deste trabalho. Devido a restrições de espaço, apenas um dos seis modelos foi incluído neste artigo.



Como primeira ferramenta, foi utilizada a análise elaborada por Prown (1982), em que as imagens da moda ocidental foram comparadas com as vestes doadas ao Museu Histórico de Londrina, além de coletas de informações a partir da observação das características físicas, descrição ou registro, identificação e exploração ou hipótese. Após essa análise, foi desenvolvida uma segunda, em que as roupas foram verificadas sobre um método de análise de mensagens visuais para a verificação de condutores de significados culturais (MEV) elaborada por Souza e Fornasier (2014), onde foram analisadas as mensagens plásticas e as mensagens icônicas, com o objetivo de fortalecer o valor cultural dessas peças.

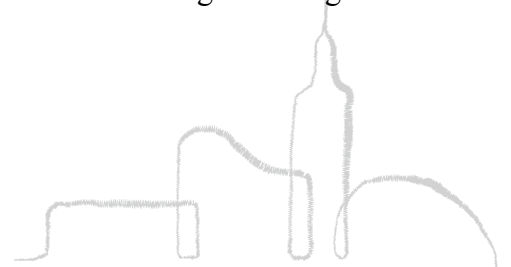
### **A história do início de Londrina**

O governo tinha necessidade de ocupar as terras densas da Mata Atlântica do Norte do Paraná, como forma de assegurar a integridade territorial do Estado e garantir investimento, estratégia e tempo dos investidores do Reino Unido e da Missão Montagu para a produção de algodão e movimentação das indústrias inglesas nas terras. Em 1925, criou-se a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), após os ingleses visitarem a região e demonstrarem interesse nas terras férteis para benefício do plantio do algodão e da matéria prima (BONI, 2014).

Inicia-se o processo de colonização em 1929 pela CTNP chefiada por George Craig Smith, que implantou o escritório da CTNP e orientou os gerenciadores de terra (BONI, 2014). A companhia liderou a “Primeira Caravana”, principalmente composta de japoneses, que abriam espaços na floresta (VISALLI, 2010).

Nos primeiros anos do Patrimônio Três Bocas de Jataizinho, a atual Londrina, foi marcada pelo desmatamento, construções, aberturas de ruas, estradas, centros comerciais e industriais. O setor primário (agricultura) era o mais explorado, as lavouras produziam algodão, arroz, café, milho, frutas e verduras. Praticamente todos os fazendeiros e colonos praticavam a cultura de subsistência e comercializavam o excedente, o que contribuía para a movimentação do comércio (BONI, 2004). As fotografias tiradas nessa época pelo fotógrafo José Juliani serviam como propagandas e publicidades a fim de atrair interesses econômicos e comprovar a fertilidade do solo (BONI, 2011).

Pellegrini (2010), ressalta a diversificação econômica e urbana, a maturidade, consciência socioeconômica e cultural dos imigrantes, que estavam fugindo dos conflitos europeus, das perseguições do regime alemão e da fome, além de estrangeiros analfabetos que eram contratados para trabalhos braçais (BONI, 2014), muitos deles japoneses, italianos, alemães e também brasileiros de outras regiões chegavam e se estabeleciam no Hotel da CTNP (UEDA, 2010).



A cultura tornou-se diversificada, os grupos que aqui estavam e que compartilhavam das mesmas ideologias se organizavam para a preservação de sua arte, esporte, religião e cultura. Novas caravanas traziam suas mulheres e crianças que iriam trabalhar na roça e em serviços domésticos, iniciando-se o povoamento (BONI, 2004).

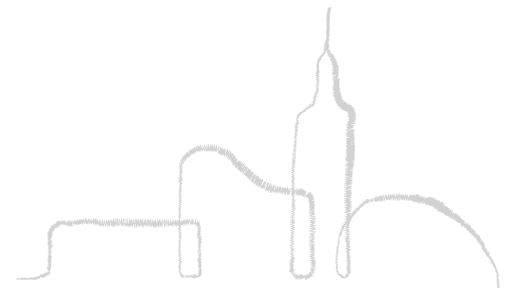
Em 1930 surgiram as primeiras casas feitas com madeira de peroba rosa. Em 1932 Londrina já contabilizava 150 casas residenciais e um comércio diversificado e multiplicado, ajudada pela primeira linha telefônica, pelo serviço patrulha de vigilância, fornecimento de água encanada e pela instalação do primeiro hospital em 1933 por iniciativa da CTNP. O patrimônio, já com mais de 400 casas e mais de mil habitantes, necessitou de obras e serviços para o bem comum e organizações sociais, como frequentar igrejas, clubes, festas, bailes, jogos de carta, jogos de tênis, futebol, bocha e malha, além da caça, pesca, quermesses, futebol e mais tarde, o cinema (BONI, 2004).

Ainda com uma infraestrutura razoável, no final de 1934 Londrina já era vista como um núcleo urbano e se emancipou como município, inaugurou bancos, correios, hotéis, a companhia rodoviária Heim&Garcia (a futura empresa rodoviária Garcia&Garcia), energia elétrica voltada para as instituições comerciais. As ruas não eram limpas ou iluminadas, não havia escolas para todas as crianças, além de médicos, remédios e hospitais insuficientes (BONI, 2014).

Em 03 de dezembro de 1934, Joaquim Vicente de Castro foi nomeado o primeiro prefeito, que não foi bem aceito pela “comunidade londrinense”. Em 01 de maio de 1935 deixou a prefeitura. No mesmo dia, Rosalino Fernandes foi nomeado o segundo prefeito, que permaneceu no cargo pouco mais de seis meses e deixou por conta da promulgação da nova constituição por eleições diretas. Em 12 de setembro de 1935, Willie da Fonseca Brabazon Davids foi eleito prefeito, permanecendo até o final da década, quando encerrou seu cargo antes do tempo previsto por problemas administrativos e o cargo provisório foi assumido pelo capitão Custódio Raposos Neto (BONI, 2004).

A exigência do desenvolvimento de escolas cresce. Em 1936 o Instituto Mãe de Deus começou a funcionar precariamente e no ano seguinte, o grupo escolar de Londrina, a primeira escola estadual da cidade (Hugo Simas) (BONI, 2004). O desenvolvimento de vilas e bairros, como a avenida Higienópolis, serviu como atrativo à burguesia. Em 1940 começa o calçamento das ruas da cidade e o café se firma como força econômica do Norte do Paraná, iniciando a década seguinte com um grande crescimento e uma perspectiva de fortuna (BONI E SILVA, 2014).

### **A moda íntima e vestes de dormir da década de 30**



A depressão de 1929 nos EUA trouxe semelhança nas classes, pelo menos das peças de roupas básicas e gerais, pois, um novo processo industrial permitiu que a moda ficasse ao alcance das classes mais baixas da população (LAVÉR, 1989).

Nesta década, as atrizes de Hollywood e o cinema passaram a ter forte influência sobre o vestuário ocidental que eram, na maioria das vezes, confeccionados pelas próprias mulheres, principalmente para as que procuravam opções mais econômicas, pois as mulheres deste período tinham grande facilidade e entendimento de confecção e modelagem (HAWTHORNE, 2009).

No início dos anos trinta o modelo andrógono das “*garçonne*” saiu de moda no ocidente. Valorizando a mulher mais meiga e feminina. Os modelos dos sutiãs confeccionados agora seguram e sustentam, ajustando-se às formas com naturalidade (FONTANEL, 1992).

Respeita-se mais as diversidades das silhuetas femininas, assim, as roupas de baixo eram mais confortáveis, com tamanhos mais variados, confeccionadas com seda ou cetim (FONTANEL, 1992). O material rayon começou a ser uma matéria prima utilizada por apresentar uma aparência e toque semelhante ao da seda.

Os modelos das vestes de dormir na maioria apresentam calcinhas ou calças com elásticos presos nas pernas como forma de segurança, nas cores, em sua maioria claras e tons pasteis. Em 1935, são criados os bojos para aumentar os seios, três anos depois surgem os sutiãs com armação e o nylon (HAWTHORNE, 2009).

Nesta década destaca-se os espaltilhos de borrachas, um modelo com mais conforto e respirabilidade, por apresentar furinhos nos modelos, uma mistura do látex com amoníaco, tornando-os flexíveis, (FONTANEL, 1992), porém esse modelo não foi encontrado dentro do acervo doado de Londrina da década estudada.

### **O vestuário de dormir no Brasil e região**

As roupas dos imigrantes eram feitas de algodão xadrez ou chita, também era utilizado o brim para as calças. As pessoas tinham poucas roupas e além disso, uma mesma peça de tecido servia para fazer as roupas de todos os membros da família. A classe média usava roupa de tafetá, além disso, contratavam serviços de costureiras, também usavam algodão leve e tricoline, que era reservado para festas e ambientes sociais, as classes mais baixas faziam algumas peças íntimas de sacos brancos. As roupas eram claras, tons pasteis ou estampadas, o preto só era usado para o luto. Por conta da terra vermelha as roupas que eram claras ficavam sujas com muita facilidade (BONI, 2004).

Fazer enxovais nesta época era comum entre as mulheres e suas famílias. As mulheres que sabiam costurar eram consideradas valiosas, pois remendavam e reformavam as próprias roupas, evitando despesas, além disso, essas vestes eram consideradas de melhor qualidade física e estética do que as que a indústria

produzia. As peças tinham como foco o trabalho manual, como o crochê, tricô e bordado, realizados muitas vezes pelo simples prazer da confecção e comercialização, atribuindo assim um valor ao artefato produzido (MALUF; MOTT, 1998).

Por serem normalmente brancas, haviam cuidados em sua higienização. Para clarear e tirar a sujeira, fazia-se barrela na peça, nas lavagens eram colocadas em baciões, esparziam cinzas e água fervente, ficava de molho até o dia seguinte, utilizavam muitas vezes a lixívia, que consistia em ferver a roupa cerca de 24 horas e meia com aproximadamente 25 a 30 litros de água, eram esfregadas, batidas, aniladas, postas em quaradouros, enxugadas, torcidas e engomadas, normalmente os tecidos eram de linho, algodão e morin, dependendo da peça confeccionada. O cuidado com a lavagem era gerenciável, porém as mudanças dessas roupas brancas não eram às vezes muito frequentes. Para evitar extravio de peças durante as lavagens, eram muitas vezes marcadas com um símbolo (MALUF; MOTT, 1998).

Este serviço era destinado às mulheres, que buscavam água em latas para lavar as roupas em bicas, além de realizar quase todo o trabalho doméstico e as tarefas menos qualificadas e desvalorizadas, já que eram excluídas do mercado formal de trabalho, sendo esta a maior renda do trabalho feminino. Com a urbanização e higienização das cidades este trabalho foi diminuindo, surgiram as “maravilhas elétricas” que facilitavam as donas de casa nestes serviços (MALUF; MOTT, 1998).

### **Análise e ação comparativa do vestuário Londrinense da década de 30**

Padrões documentais foram desenvolvidos com base na metodologia e nas ferramentas utilizadas na análise das seis vestes pesquisadas. A fundamentação teórica orientou a elaboração desses padrões. A análise inicial (Tabela 1) foca nas características físicas das vestes, enquanto a segunda análise (Tabela 2) examina as mensagens visuais, tanto plásticas quanto icônicas, apresentando os respectivos resultados.

Com o objetivo de compreender o vestuário de dormir da década de 1930 em Londrina, foi realizada uma análise comparativa entre os modelos doados ao Museu Histórico de Londrina e modelos semelhantes usados internacionalmente. Essa comparação destacou tanto as semelhanças quanto às diferenças entre a moda ocidental e a moda londrinense, como ilustrado em um dos exemplos das tabelas a seguir. Com base nos estudos de Prown (1982), a análise adota uma abordagem imagética descritiva, buscando entender os aspectos culturais, sociais e outros fatores que influenciam o vestuário. Essa abordagem é realizada por meio da observação, caracterização física, registro, identificação e formulação de hipóteses.

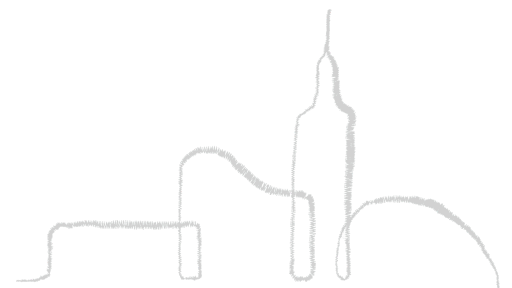
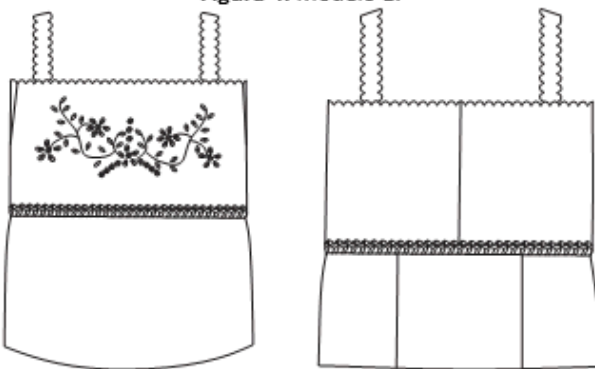


Tabela 1: Análise do Modelo 1.

Modelo 1 – Fragmento de uma camisola ou combinação
<p><b>Observação das características físicas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dois retângulos finos dão forma as alças;</li> <li>• Dois retângulos que formam a parte superior e inferior da frente da peça;</li> <li>• Dois quadrados formam a parte superior das costas (um retângulo);</li> <li>• Um quadrado central e dois retângulos menores laterais formam a parte inferior das costas (um retângulo);</li> <li>• Formas e linhas orgânicas originam o bordado;</li> <li>• Um retângulo fino no meio da peça.</li> </ul>
<p><b>Registro ou descrição</b></p> <p><b>Figura 4. Modelo 1.</b></p>  <p><b>Fonte:</b> da autora (2018)</p>
<p><b>Identificação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelo de alcinhas;</li> <li>• Possível tamanho 42;</li> <li>• Cor amarelada;</li> <li>• Recorte abaixo do busto com crochê que une com a parte inferior da peça;</li> <li>• Bordado de vazados de flores, ramos e folhas na região central da parte superior da peça;</li> <li>• Decote reto;</li> <li>• Confeccionada em algodão, apresentando um caimento mais reto, semelhante ao algodão cru;</li> <li>• Acabamentos manuais;</li> <li>• Sianinhas nas alças e em toda parte superior da peça tanto as costas quanto a frente;</li> <li>• Costura na região central das costas da peça no retângulo superior;</li> <li>• Duas pregas nas laterais (esquerda e direita) abaixo do braço;</li> <li>• Duas pregas no retângulo inferior, com costura simples em máquina reta e pesponto;</li> <li>• Acabamentos manuais em crochê na frente, nas costas, nas alças e nos detalhes vazados, como segurança e adorno da peça;</li> <li>• Formas sinuosas formada por sianinhas com uma corrente em crochê;</li> <li>• Corrente espaçada e ornamentada que une as duas partes da combinação;</li> <li>• As linhas, tecidos e crochês foram realizados da mesma cor, originalmente branco;</li> <li>• Comprimento até a altura da cintura;</li> <li>• A peça não possui abotoamento, assim percebe-se que é vestida pela cabeça.</li> </ul>



### Exploração do problema/ hipótese

Em relação ao material utilizado pode-se supor que foi confeccionada em algodão, apresenta cuidado e capricho nos acabamentos e detalhes manuais, o que também se pode supor que pertencia a alguém que guardara a peça por ser do seu enxoval e reconhecia o valor simbólico e cultural da peça. A camisola apresenta tons amarelados causados por possíveis deterioração do tempo, pois pela cidade estar no início do desenvolvimento havia muita terra, além de ser considerada a cidade da terra vermelha, o que facilitava o aparecimento de manchas, mas ainda apresenta indícios de que sua cor original era branca. Esta peça apresenta ser um fragmento de uma combinação que foi cortada na altura da cintura, que possivelmente foi resultado da deterioração do material.

A relação do modelo com a história da moda remete à um modelo similar fotografado na década de 20, como mostra a figura 6, uma camisola com alças finas e detalhes de aplicação de renda na região do busto, bainha e uma calçola que completa a veste confeccionada de seda, com uma fenda lateral que se inicia na cintura até o comprimento da peça, apresenta um aspecto leve e prático, com caimento e aparência mais sofisticados.

**Figura 5.** Fragmento de uma combinação ou camisola doado por Araci Sidnei 05/09/2000 Pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina.



Fonte: Amauri Ramos Silva (2018)

**Figura 6.** Camisola fotografada nos anos 20 para a moda da época.

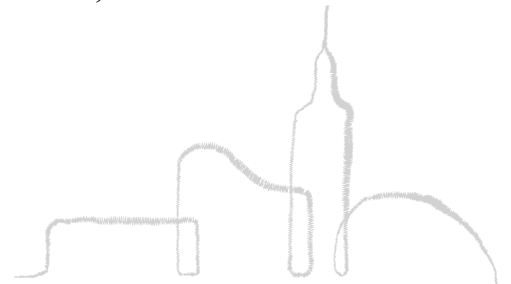


Fonte: Fontanel (1992, p. 107)

Fonte: A autora, 2018

Baseado no modelo exposto acima e o estudo dos seis modelos de vestes presentes no museu, foi possível indiciar a ideia que as peças analisadas eram de pessoas que apropriaram um valor sentimental ao bem material possivelmente confeccionados para um enxoval familiar, que guardaram e cuidaram das vestes, proporcionando maior longevidade e cuidados dentro dos possíveis limites da durabilidade física do material, o que evidencia a importância do valor cultural e simbólico em torno do enxoval feminino da época.

A maioria das peças apresentam semelhanças com os modelos de camisola da década de vinte. Provavelmente as vestes doadas ao Museu faziam parte de um enxoval familiar de pessoas que vieram e viveram em Londrina no início do povoamento, já que era uma cidade que estava em seus primeiros anos de desenvolvimento e não existiam lojas de confecção. Além disso, a forte característica do trabalho manual pode-se supor a grande tendência da confecção pelas próprias mulheres da família, além dos indícios de reforma para a otimização da vida útil e preservação do produto.



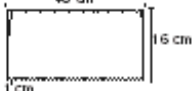




Em geral os modelos são evasê, de tamanho 42, o comprimento em sua maioria, nos joelhos e coxas (apesar de que alguns modelos apresentarem fragmentos por estarem cortados na cintura), sem alças ou alças mais finas.

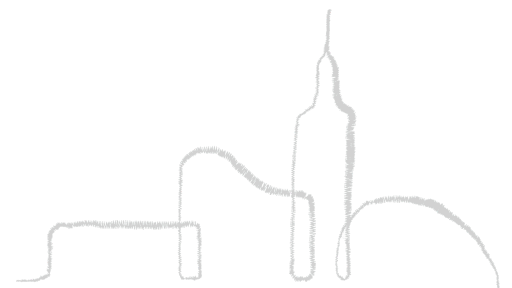
Conclui-se que uma certa padronização de modelos, primeiro pela cor, que pode estar relacionado às questões estéticas da moda da década ocidental de 20, e também talvez, por uma padronização do estilo de vida feminino da época. Em segundo, pela matéria prima, o algodão, utilizado talvez por fatores econômicos, pela praticidade de manuseio e confecção da peça ou pela confortabilidade do material.

### Uma análise plástica e icônica do vestuário

Para ressaltar e fortalecer o valor cultural do vestuário, foi realizada uma segunda análise de mensagens visuais para a verificação de condutores de significados culturais dos objetos, as mensagens plásticas e icônicas, como mostrado na Tabela abaixo, com base nos estudos elaborados por Souza e Fornasier (2014):

Tabela 2. Modelo 1.

Modelo 1 – Fragmento de uma camisola ou combinação					
Mensagem Plástica					
Objeto segregado:	Enquadramento	Composição	Formas	Cores	Textura
Parte superior 48 cm 	Parte superior da camisola	Algodão	Retangular	Originalmente branca	Liso e macio
Bordado 28,5 cm 12,5 cm 	Centralizado na parte superior	Algodão	Sinuosas e orgânicas, para representar flores e folhas	Originalmente branca	Alto relevo e macio
Parte inferior 48 cm 18 cm 	Parte inferior da peça	Algodão	Retangular	Originalmente branca	Liso e macio
Alças 2 cm 16 cm 	Parte superior	Algodão	Retangular com as laterais sinuosas	Originalmente branca	Liso e macio
Crochê central 48 cm 1,5 cm 	Centro (entre a parte inferior e superior)	Algodão	Retangular com linhas sinuosas	Originalmente branca	Liso e macio



Mensagem icônica		
Objeto	Significados 1º nível	Significados 2º nível
Parte superior	Do decote até abaixo do seio, faz com que esta região se destaque atraindo o olhar para o observador	Sensualidade
Bordado	Flor, ramos e folhas	Delicadeza, ingenuidade e feminilidade
Parte Inferior	Apresenta um corte reto	Confortabilidade
Alças	Finas com acabamentos ondulares e sinuosos	Feminilidade e delicadeza
Cor	Branco	Tradicionalismo, ingenuidade, pureza e delicadeza
Crochê e acabamentos	Sinuosidade e formas orgânicas	Delicadeza e feminilidade

Fonte: A autora, 2018

De acordo com as mesmas análises elaboradas com os seis modelos, percebe-se várias semelhanças nas vestes, como a presença de bordados florais no centro dos modelos e os crochês nos detalhes, que enriquecem visualmente e evidenciam uma preocupação com os acabamentos. A valorização do trabalho manual é característico, as linhas de formas orgânicas e sinuosas se sobressaem, mais do que as formas rígidas e retas, o que enfatiza o aspecto simbólico da feminilidade representativa das mulheres da época.

Vale ressaltar uma grande preocupação com a confortabilidade da roupa, pois, é uma característica destacada em todas as vestes, como nota-se em alguns modelos pela forma utilizada, o trapézio, proporcionada pelo evasê. Os modelos reforçam os ideais típicos visto como um ser feminino, delicado, ingênuo, puro e tradicional, notados principalmente pela cor empregada, o branco, e pelos detalhes dos bordados, vazados e formas utilizadas, que estão presentes em acabamentos, decotes, barras, alças ou punhos, sem deixar de destacar a sensualidade.

### Considerações Finais

Foram analisadas nesta pesquisa seis camisolas. Estas vestes existem há quase noventa anos e provavelmente fizeram parte de um enxoval. Estas peças possivelmente foram usadas pelas mulheres que fizeram o próprio enxoval ou por algum parente. Não se sabe ao certo por quanto tempo foram usadas, pois a maioria das peças foram doadas por familiares indiretos nos anos 2000. Também não foram encontradas informações sobre quem, quando e onde foram usadas, por falta de dados e informações coletadas na época em que a peça foi doada.

Nota-se uma similaridade entre as seis peças analisadas do acervo do Museu Histórico de Londrina com as fotos de acervos pictóricos dos anos vinte. A diferença de aproximadamente uma década entre os modelos do acervo de Londrina com os modelos da moda ocidental, supõe que as usuárias os trouxeram para Londrina em

um processo de imigração realizado no início da cidade a partir de 1929 e usado nos anos seguintes, ou confeccionados aqui nesta mesma época. Isto, graças ao processo de informação, comunicação e globalização causado pela difusão das migrações e pelas constantes viagens em busca de uma vida melhor, que se iniciou na Europa, passou pelas grandes cidades do Brasil até chegar no Norte do Paraná.

A grande influência da moda ocidental no mundo, como padrão de tendência estética na época e consequentemente, nas mulheres que fizeram e usaram estas vestes, fica claro a disseminação do valor sociocultural relacionados as peças de enxovais do início do século XX, que predominou o ocidente, tanto no estilo de vida feminino como no da roupa.

Quanto às análises desenvolvidas, ressaltam como característica nas peças os bordados e crochês, que destacam a delicadeza estética das peças e o conhecimento e a prática da confecção manual atribuída como característica feminina da época. Esta característica da manualidade também atribui a simbologia sociocultural e a importância da confecção do enxoval.

O algodão como matéria prima na confecção, ressalta os possíveis pensamentos: a preferência da utilização de um material mais viável economicamente, a facilidade de manuseio para a confecção, a compatibilidade dos recursos existentes em combinação à matéria prima ou apenas o conforto. Outra grande característica notável, é a utilização da cor branca, que predomina nas produções de vestes de dormir, talvez pela simbolização da delicadeza, feminilidade, pureza e tradição dos enxovais, relacionados ao estilo de vida da época.

As vestes analisadas por meio de uma visão simbólica remetem principalmente à feminilidade e delicadeza, notados pela modelagem, decotes arredondados recatados, comprimento entre a coxa e os joelhos e trabalhos manuais, que se contrapõem com pontos do corpo mais expostos, como ombros e crochês com espaçamentos vazados que remetem à uma sensualidade delicada, dentro dos padrões possíveis do período.

Por isso que esta pesquisa documental desenvolvida por meio das análises das características destas vestes, das análises de mensagens visuais, pelas observações físicas-plásticas e simbólicas-icônicas do vestuário do Museu, além da pesquisa bibliográfica da história de Londrina e da história da moda que se tornam importantes meios complementares para o levantamento de dados socioculturais resultantes das análises e padrões elaborados.

A partir disso, percebe-se que o vestuário é uma ferramenta fundamental para a contribuição de coletas de dados que contém informações, para o reconhecimento e compreensão de uma sociedade e época para uma documentação histórica, social e da cultura material. Além da importância dos padrões elaborados servirem como consulta e base para futuras pesquisas, é uma oportunidade para a continuação da aplicabilidade destes

padrões sobre as outras vestes doadas ao Museu Histórico de Londrina que apresentam estas mesmas necessidades, como um projeto futuro.

## Referências

ÁLVARES, Ighes Dequech. Revelações. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 9-9. Disponível em:

<[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

ANDRADE, Rita Morais de. Vestires indígenas em bonecas karajá: argumentos para uma história da indumentária no Brasil. **Revista História: questões & debates**, Paraná, nº 2, v. 65, p. 197- 222, 2017.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. Por uma museologia do vestuário: Patrimônio, memória, cultura. In: MERLO, Márcia (Org.). **Memórias e Museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015. p. 99-111.

BONI, Paulo César. José Juliani, o "Documentador" das Transformações Urbanas do Início de Londrina. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de; VISALLI, Angelita Marques (Org.). **Londrina Documenta 2: Coleção fotográfica José Juliani**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. p. 11-12. Disponível em:< [http://museu.mediasystems.com.br/pagina/165\\_Colecao-Fotografica-Jose-Juliani.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/165_Colecao-Fotografica-Jose-Juliani.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

BONI, Paulo César. Dois “lances de sorte” na relação de Londrina com a fotografia. In: BONI, Paulo César (Org.). **Retratos da Cidade**. Londrina: Midiograf, 2014. p. 21-42.

BONI, Paulo César; SILVA, Sara Hermógenes. Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 1930 a 1960. In: BONI, Paulo César (Org.). **Retratos da Cidade**. Londrina: Midiograf, 2014. p. 61-80.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!:** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: do Autor, 2004.

CABRAL, Rui. Tênis no sertão. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 40-41. Disponível em:

<[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CULTURA. Caderno Diretrizes Museológicas. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006.



DEBOM, Paulo. A moda e o vestuário como objetos de estudo na História. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 013–026, 2019. DOI: 10.5965/25944630332019013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/15897>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FONTANEL, Beatrice. **Sutiãs e Espartilhos**: Uma história de sedução. Paris: Salamandra, 1992.

HAWTHORNE, Rosemary. Por baixo do pano: a história da calcinha. São Paulo: Matrix, 2009. Tradução: Daniela P.B. Dias

JULIÃO, Leticia. A pesquisa histórica nos museus. In: MINISTÉRIO DA

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da Pesquisa**: Um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAVÉ, James. **A Roupas e a Moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução: Maria Lucia Machado.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Rêcondidos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil 3**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-422.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e coisas**: Estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

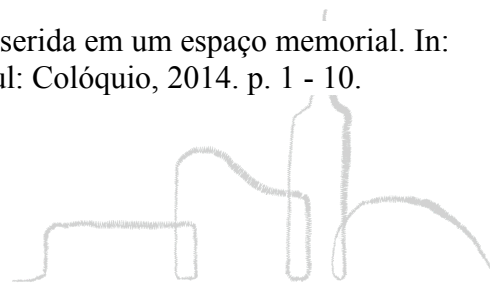
NIXDORF, Klaus. Primeiro hospital. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1**: Coleção fotográfica George Graig Smith. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 94-95. Disponível em: [http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html). Acesso em: 07 mar. 2018.

PELLEGRINI, Domingos. O primeiro londrinense. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1**: Coleção fotográfica George Graig Smith. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 10-10. Disponível em: [http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html). Acesso em: 07 mar. 2018.

PROWN, Jules. Mind in matter: An Introduction to Material Culture Theory and Method. Winterthur Portfolio, 1982.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII -XVIII ). São Paulo: Senac, 2007.

SCHNEID, Frantieska Huszar et al. Moda, arte e museu: a indumentária inserida em um espaço memorial. In: COLÓQUIO DE MODA, 10., 2014, Caxias do Sul. **Anais...** . Caxias do Sul: Colóquio, 2014. p. 1 - 10.



SORCINELLI, Paolo (Org.). **Estudar a moda: corpos, vestuários, estratégias**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. Tradução: Renato Ambrosio.

SOUZA, L. A. de ; C. B. R. FORNASIER . Método de análise de mensagens visuais para a verificação de condutores de significados culturais. In: VII World Congress on Communication and Arts-WCCA, 2014, Vila Real. Proceeding of World Congresson Communication and Arts. Vila Real: Science nd Education Research Council, 2014. v. 7.

UEDA, Ruth Hiromi Shigaki. Hotel Campestre. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 26-27. Disponível em: <[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

VISALLI, Angelita Marques. Visão especial. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 8-8. Disponível em: <[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

YAMANE, Áurea Keiko. Chegada. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 80-81. Disponível em: <[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

YOSHII, Kimiko. Terra Vermelha. In: YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de (Org.). **Londrina Documenta 1: Coleção fotográfica George Graig Smith**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 96-97. Disponível em: <[http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164\\_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html](http://museu.mediasystems.com.br/pagina/164_Colecao-Fotografica-George-Graig-Smith.html)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

